**Poupem os ouvidos**

A consciência dos malefícios da poluição é hoje ímpar e nunca como hoje a sociedade se empenhou tanto em a mitigar nos seus efeitos , na terra, na água e no ar.

Os bons exemplos ocupariam a crónica… Para preservação do meio ambiente terreste vimos aprendendo a reciclar os resíduos domésticos, a reduzir o uso dos plásticos e até a reduzir o desperdício nas suas múltiplas modalidades quotidianas… É verdade que ainda há quem mantenha a virilidade de cuspir na rua, a displicência do livrar-se da beata, e parece que quem persiste em atirar pastilhas elásticas na rua também, ainda não pisou as suficientes para perceber que o seu desleixo incomoda muita gente. Mas também estes vão rareando.

Para preservação do meio ambiente aquático, já percebemos que lavar a fachada da casa ou a rua à mangueirada é um esbanjamento de um bem escasso e que esconder o lixo em lagoas, ribeiras ou no mar não impede que este regresse, frequentemente com consequências nefastas na eutrofização das lagoas, no transbordo das ribeiras, na inundação de lixo das zonas costeiras… É verdade que ainda há quem mantenha o costume domingueiro de lavar o carro à porta de casa, com a mangueira esquecida a escorrer, criando súbitas ribeiras que nos obrigam a saltar do passeio, ou até os amantes da pesca que deixam vestígios da sua actividade nas rochas, quando não atiram para o mar os restos da linha ou as garrafas de cerveja. Também estes hábitos vão rareando.

Para preservação do ar, há muito que nos preocupamos com as emissões de gases poluentes por fontes fixas, como as fábricas, ou móveis, como os veículos que alteram a composição química da atmosfera… É certo que é difícil de prescindir do conforto da utilização dos CFCs, como os purificadores do ar, que contribuem para a destruição da camada do ozono, e continuamos a fumar, indiferentes à evidência dos seus danos para a saúde pessoal e pública, agora produzindo cortinas de fumo à porta de qualquer edifício por que todos temos de passar.

Não obstante, o bom cidadão é um militante contra a poluição!

Vamo-nos esquecendo de uma outra forma de poluição que vem aumentando: a sonora. Não mencionando os que adormecem a ouvir o miar e os gritos de acasalamento dos gatos selvagens (que se multiplicaram desde a proibição do **seu controle através do abate)**, e os que acordam com os cães domésticos que começam a ladrar e a uivar ainda de noite, numa cacofonia com os muitos caninos do bairro, fixo-me no gosto que teremos em ouvir música. Esta é-nos hoje imposta em qualquer ocasião, de qualquer género e sempre em decibéis impróprios para a saúde: é o carro com o volume no máximo que atordoa as ruas por onde passa, ou até aquele cujo dono vai tomar café sem dar descanso ao CD, impondo o seu gosto musical aos presentes e mesmo aos ausentes distantes; é o jovem que não disfruta a praia sem som, nem deixa os outros disfrutar a tranquilidade. Entretanto, o uso supostamente consciencioso dos auriculares não trava a partilha do batuque da música e a mais recente moda de visualização de filmes em tablets em espaços públicos (por vezes o nosso vizinho no avião) dispensa sempre auriculares… Ainda podíamos mencionar os que encontraram no telemóvel um altifalante invertido em que é o emissor que grita, quase dispensando o telemóvel. Ficamos a saber da sua vida e de outras, com pormenores bizarros pelo meio que claramente pertencem à categoria de poluição sonora.

O som indesejado e elevado no espaço público incomoda e pode mesmo agredir, e suprimir poluição sonora é também um acto de civilidade.

*M. Patrão Neves*

[www.mpatraoneves.pt](http://www.mpatraoneves.pt)